



ANTONIO MENEGHETTI FACULDADE

**GESTÃO DO CONHECIMENTO E O PARADIGMA
ONTOPSICOLÓGICO**

ADRIANA TOMAZI

**A RESISTÊNCIA COMO FATOR DE IMPEDIMENTO AO
CRESCIMENTO E À REALIZAÇÃO**

RECANTO MAESTRO: SÃO JOÃO DO POLÊSINE

2016



ADRIANA TOMAZI

**A RESISTÊNCIA COMO FATOR DE IMPEDIMENTO AO
CRESCIMENTO E À REALIZAÇÃO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado (a) ao curso de Pós Graduação em Gestão do conhecimento e o paradigma ontopsicológico como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ontopsicologia.

Orientadora: Josiane Barbieri

RECANTO MAESTRO: SÃO JOÃO DO POLÊSINE

2016



ADRIANA TOMAZI

**A RESISTÊNCIA COMO FATOR DE IMPEDIMENTO AO
CRESCIMENTO E À REALIZAÇÃO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Pós Graduação em Gestão do conhecimento e o paradigma ontopsicológico, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ontopsicologia

Banca Examinadora:

Orientador: Josiane Barbieri
Antonio Meneghetti Faculdade

Membro: Dra. Vera Rodegheri
Antonio Meneghetti Faculdade

Membro: Ângelo Accorsi
Antonio Meneghetti Faculdade

RECANTO MAESTRO: SÃO JOÃO DO POLÊSINE

2016

A RESISTÊNCIA COMO FATOR DE IMPEDIMENTO AO CRESCIMENTO E À REALIZAÇÃO¹

Adriana Tomazi²

Josiane Barbieri³

RESUMO: A grande diferença entre as pessoas vencedoras perante a vida e as demais, não é apenas o fator inteligência, mas sim a ação, a atitude, que pode levar uma pessoa à realização e crescimento, ou não. A resistência tem demonstrado ser um dos fatores que impedem o crescimento e a realização, pessoal e profissional. O presente trabalho mostra que a resistência ocorre por fatores externos e também pela própria estrutura da personalidade, ou seja, por ações inconscientes que geram comportamentos não condizentes com o crescimento pretendido. A psicanálise remete ao acesso do inconsciente, a fim de detectar os mecanismos de defesa utilizados. A Ontopsicologia também aborda o acesso ao inconsciente, não somente para identificar os mecanismos de defesa, mas para promover o exercício crítico de consciência sobre si mesmo, e reorganizar uma evolução progressiva dos modelos mentais e comportamentais. Eliminando a resistência, contemporaneamente surge a necessidade de escolha do caminho adequado segundo a utilidade e funcionalidade do Em Si ôntico no aqui e agora.

Palavras-chave: Resistência, Mecanismos de defesa, Psicanálise, Ontopsicologia.

RESISTANCE AS PREVENTION FACTOR FOR GROWTH AND ACHIEVEMENT

ABSTRACT: A big difference between how winner people towards life and how others, is not only the intelligence factor, but the action, the attitude, that can take a person to the realization and growth, or not. The resistance has been demonstrated being one of factors to prevent the growth and the realization, personal and professional. The present work that the resistance it happens by the external factors and also by own personality structure, that is, unconscious actions that make behaviors not consistent with the desired growth. The psychoanalysis refers to access of the unconscious to detect the defense mechanisms used. The ontopsychology also approach of access to the unconscious, not only to identify the defense mechanisms, but to promote the critical exercise of consciousness about yourself, to reorganize a progressive evolution of mental and behavioral models. Eliminated the resistance, contemporaneously comes the need to choose the right path according to the utility and functionality of ontic In Itself, here and now.

Key-words: Resistance, Defense mechanisms, Psychoanalysis, Ontopsychology.

¹ Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Gestão do Conhecimento e o Paradigma Ontopsicológico, Antônio Meneghetti Faculdade.

² Aluna do Programa de Pós-Graduação da Antonio Meneghetti Faculdade, Graduada em Pedagogia (FURB/FEDAVI), Especialista em Administração de Recursos Humanos (FURB/FEDAVI), MBA Identidade empresarial – *Business Intuition* (AMF).

³ Orientadora. Professora do Programa de Pós-Graduação da Antonio Meneghetti Faculdade. Graduada em Psicologia (PUCRS), Especialista em Psicoterapia da Adolescência e Psicologia Social (PUCRS), Especialista em Psicologia Social com orientação Ontopsicológica (UESP – Rússia), Mestre em Filosofia (PUCSP), Doutoranda em Educação (USEK – Chile).

INTRODUÇÃO

O modo de atuação de uma pessoa define o sucesso ou o insucesso no âmbito pessoal ou profissional, ou seja, a grande diferença entre as pessoas vencedoras perante a vida e as demais, não é apenas o fator inteligência⁴, mas sim a ação, a atitude. Abordar um assunto como a resistência não é uma tarefa fácil, dada a sua complexidade, profundidade e diferentes enfoques. Ao mesmo tempo, o tema revela-se de extrema importância a medida que nele se adentra e se evolui.

Ao longo do trabalho de consultoria, *coaching* e treinamentos, percebe-se que, por parte das empresas, boas ferramentas e técnicas são implantadas em que se estimula a melhora do desempenho e da competência. Os processos são estudados e melhorados, treinamentos são oferecidos, no entanto, o líder, que deveria demonstrar uma atitude corajosa, despreendida, criativa e inteligente, nem sempre age assim, não alcançando resultados desejados para ele próprio e para a empresa onde atua.

Neste interim, percebe-se que não resolve atuar somente no nível cognitivo, quando se almeja crescimento e realização, pois não é este o fator de relevância maior. Competentes e inteligentes, de certa forma, as pessoas são, mas nem sempre agem de acordo com suas intenções, com seus objetivos. A resistência tem demonstrado ser um dos fatores que impedem o crescimento e a realização, pessoal e profissional. Espera-se com esse trabalho aprofundar os conhecimentos a respeito do tema em questão, analisar as causas e as origens das resistências, segundo estudos feitos por autores diversos.

Partindo desse pressuposto, aportamos a esse trabalho a visão da ciência ontopsicológica⁵ com o intento de demonstrar que, com sua aplicação, se pode atuar mais eficazmente na conscientização da necessidade de mudança de atitudes quando se busca resultados satisfatórios na vida e nos negócios.

Deseja-se, também, acrescer um olhar de investigação, com a intenção futura de propor incremento na atividade profissional da autora e de outros profissionais da área de consultoria, a fim de que contribuam para o desenvolvimento de uma nova consciência e de uma atitude

⁴ Inteligência: “*Lat. Intus actiuem* = ler dentro a ação, compreender dentro. Faculdade exclusivamente psíquica e, portanto, espiritual para compreender, em evidência, a ordem causal da ação ou do fato. Compreensão das coisas do interior de qualquer fenomenologia. Parte do Em Si ôntico à disposição do Eu voluntário, ou lógico-histórico. Faculdade que conhece e identifica as formas essenciais e causais de qualquer coisa ou evento.” (MENEGETTI, 2012, p. 139)

⁵ Ontopsicologia: “Ciência que estuda a atividade psíquica na sua causalidade primeira. Pesquisa sobre o projeto lógico elementar que preside à atividade e fenomenologia psíquica. É ciência epistêmica enquanto inicia a evidenciar um princípio elementar que faz critério de realidade funcional para a lógica humana.” (MENEGETTI, 2012, p. 191).

mais encorajada, criativa, inteligente e feliz.

Sendo assim, o presente estudo tem como objetivo realizar um estudo de revisão bibliográfica referente à resistência e a mudanças, buscando aprofundar o estudo teórico sobre o assunto tratado. Para tanto, foram consultados livros, revistas e publicações sobre o tema, buscando integrar o material publicado.

Este tipo de pesquisa tem um caráter exploratório, uma vez que estimula o autor a pensar livremente sobre o assunto em questão, bem como permite ao mesmo a possibilidade de, com sua experiência, acrescentar aos escritos o que ainda não foi abordado pelos autores estudados (DUARTE, 2013).

1 RESISTÊNCIA: ORIGEM E DEFINIÇÃO

Talvez as mudanças mais difíceis a serem feitas sejam oriundas da percepção que a pessoa tem do mundo que a cerca e das verdades constituídas ao longo da sua existência, em função da assimilação dos estereótipos sociais, culturais, familiares.

De acordo com Marques (2013), as mudanças geralmente são encaradas como dificuldades, pois fazem parar, analisar e refletir sobre coisas que não estão indo bem e precisam ser modificadas para que tragam os resultados esperados. A dificuldade, segundo o autor citado, acontece por que as crenças nos limitam. As crenças são aprendidas, não são próprias da natureza⁶ do homem, fazem parte do ambiente educacional, familiar, religioso no qual crescemos e nos desenvolvemos. Porém, representam aquilo que, com veemência, acreditamos sobre nós mesmos. São inconscientes, nos causam medos, angústias, não nos permitem viver livres e nos paralisam em determinadas situações, diante das quais não nos consideramos capazes ou merecedores. As crenças influenciam diretamente o comportamento das pessoas. Essas são condicionadas pelo que se ouve e se aprende.

Para Maslow (2001), a resistência pode ser entendida como sendo as dificuldades que uma pessoa encontra em realizar a introversão por qualquer motivo (excluindo a incapacidade constitucional, como por exemplo, a debilidade mental). Entre estes motivos, a resistência pode ser uma aversão sadia por parte do paciente, é o direito de escolha da pessoa normal. Neste sentido, a resistência não pode ser tratada apenas como uma defesa da neurose, como uma resistência a ficar bem ou a perceber verdades desagradáveis, como algo indesejável, algo a ser superado e a eliminar pela análise. Mas sim, como uma afirmação e proteção da

⁶ Natureza: “É tudo o que nasce da ação da vida” (MENEGETTI, 2010, p. 147).

singularidade pessoal, da identidade ou individualidade contra o ataque ou negligência, por exemplo, da aplicação de um processo inadequado de psicoterapia por parte de um técnico.

Na visão da psicanálise, o conceito de resistência é “a proteção do ego contra as exigências pulsionais do id.” (FREUD, A. 2006, p. 37). A autora afirma a importância do fenômeno da resistência no nascimento da psicanálise, o qual já se configurava como um obstáculo desde a prática da hipnose e da sugestão.

Meneghetti (2015, p. 36) descreve a resistência como “a autoconservação mais forte que consolidou o desenvolvimento do Eu, mas que, contemporaneamente, a este ponto, determina uma fixidez de autorregulação patológica para o indivíduo. O sujeito sofre por aquilo que mais defende”. Em outra passagem, o autor esclarece que a resistência é uma sólida estrutura sócio-racional cuja invariância não consente a conscientização dos processos primários fundamentais produzidos pelo *Em Si* orgânico⁷. Como consequência, inibe o próprio organismo, descontando em patologia a própria pulsão vital.

Lidar com a resistência implica saber que existem várias causas que a motivam, o que torna necessário saber quais são elas a fim de gerenciá-las, reduzi-las e promover uma mudança positiva. Jacobsen e Rodrigues (2002), identificam algumas causas mais comuns de resistência. Uma delas é a falta de confiança e o medo da possibilidade de perda quando se considera mais o medo de perder algo do que perceber o ganho possível, de maneira que, determinadas pessoas preferem morrer com pouco do que correr o risco de perder o que já conquistaram. Por vezes, as pessoas acreditam que a mudança não faz sentido, ou que lhes falta de competências e habilidades para desempenhar novas funções e apresentar novos comportamentos. Existem também as diferenças de ideologias, valores e convicções culturais, relacionamentos sociais, bem-estar econômico e necessidades pessoais, condições que podem fazer aparentar que a pessoa se encontra numa situação superior, não necessitando promover a melhoria e novos padrões de comportamentos, atitudes e até mesmo interpretações. Outra origem são os aspectos sociais, como solidariedade de grupo, rejeição a pessoas vindas de fora e conformidade às normas existentes, comportamentos que estão relacionados com os estereótipos aprendidos. Também a percepção seletiva e estreita a respeito da vida e das situações pode impedir a constatação de problemas e soluções. Já, a homeostase, ou seja, a tendência de manter o atual estado, é outra motivação à resistência, o que pode levar o sujeito a evitar desequilíbrios para não sair de uma situação de conforto. O conformismo e também fatores relativos a personalidade, tais como: alto dogmatismo, fatalismo, inabilidade para lidar

⁷ *Em Si* orgânico: “Compreende o aspecto psicológico, é a experiência psicoemotiva que advertimos também como consciência na fenomenologia da nossa vitalidade” (MENEGHETTI, 2010, p. 212).

com abstrações ou motivação apenas para pequenas realizações são outros fatores que originam a resistência.

Medeiros (2013) complementa as fontes de resistência individual à mudança. Segundo o autor, as pessoas possuem hábitos ou respostas programadas para lidar com a complexidade da vida e uma tendência a responder de acordo com o padrão a que estão habituadas. As pessoas agem sempre do mesmo modo, independente dos assuntos serem diferentes. Outra fonte de resistência levantada pelo autor é a elevada necessidade de segurança, que costuma fazer com que os indivíduos se sintam ameaçados, com medo de perderem sua posição. Outra causa apontada é o sentimento de insegurança em relação ao desempenho nas novas atividades: é mais comum a pessoa achar-se incapaz para o novo. A ambiguidade e a incerteza que a mudança provoca faz os indivíduos resistirem a mudança. Esses processam seletivamente as informações que acham que lhes servem, ignorando o que pareceria desafiar o mundo que construíram.

A pesquisa desenvolvida por Medeiros (2013) demonstra que as pessoas resistem quando consideram que as consequências possam ser negativas, ou seja, quando parece que as coisas no momento não são boas, mas que podem piorar. Se a mudança prevista portasse consigo a certeza apenas de ganhos, parece que as pessoas apresentariam menos resistências. Esse estudo demonstra que a resistência se torna, então, uma das principais barreiras ao crescimento e à evolução.

Para Meneghetti (2015), a resistência, perante o impacto da experiência ontoterápica, leva o sujeito, com o escopo de harmonizar-se com o socializado introjetado, a inibir o próprio organismo. As modalidades de resistência explicitam-se segundo os possíveis mecanismos de defesa.

Insistir contra uma resistência, ao invés de eliminá-la, significa potencializá-la até o ponto de torná-la mecanismo de sucesso. Inicialmente a resistência familiar é muito tímida, tênue, dispersa, insignificante (uma palavra, uma pequena crítica); depois é feita através de fatos consistentes (o trabalho, falta de dinheiro...); depois se externaliza sob forma de princípios morais (princípios antigos de tradição, de impossibilidade moral); depois sob forma de pietismo (sacrifícios feitos...) e nesse caso começa a existir a acusação direta. (MENEGHETTI, 2015, p. 39).

A resistência pessoal é forte, portanto, na medida em que a pessoa é coligada a grupos sociais e existe enquanto ela é simbiótica ao seu grupo originário patológico, ou seja, a pessoa tem a vontade de decidir em autenticidade, mas não age porque se sente impedido por contingências externas.

Por isso, para superar a resistência e realizar as mudanças, parece necessário que o indivíduo se abra ao questionamento e, com calma, trabalhe a partir de seu íntimo para reconhecê-la e, paulatinamente, suplantá-la

2. A PSICANÁLISE DE FREUD

Freud afirmou que há uma causa para cada pensamento, para cada memória revivida, sentimento e ação. Cada evento mental é causado pela intenção, consciente ou inconsciente, e é determinado pelos fatos que o precederam (FREUD, A. 2006).

Segundo Rocha e Neivas (2012/2013), a Psicanálise é uma área do conhecimento independente, que surge como forma de alternativa para dar conta do sofrimento psíquico e para entender o funcionamento mental como um todo. Esta apresenta vários elementos como método de exploração do psiquismo, em particular do inconsciente, para a terapêutica e o tratamento de histerias e neuroses.

Essencialmente, o processo da Psicanálise dedicou-se a despertar, nos pacientes, recordações desaparecidas e que em outros tempos foram reprimidas. A prática do método permitiu confirmar a existência de três níveis de atividade psíquica: id, ego e superego.

É tarefa da psicanálise: adquirir o máximo conhecimento possível de todas as três instâncias que acreditamos constituírem a personalidade psíquica e aprender quais são as suas relações mútuas com o mundo externo. O que significa: em relação ao ego explorar o seu conteúdo, suas fronteiras e funções e apurar as influências no mundo externo, no id e no superego pelas quais foi moldado; e, em relação ao id, dar uma explicação das pulsões, isto é, do conteúdo do id e acompanhar as transformações por elas sofrida. (FREUD, A. 2006, p. 10).

Segundo Freud A. (2006), o nosso conhecimento do id só pode ser adquirido através de derivados que abram caminhos e se apresentem nos sistemas pré-consciente e consciente. Se, dentro do id, prevalecer um estado de calma e satisfação, de modo que não se verifique qualquer oportunidade para uma moção pulsional invadir o ego em busca de gratificação e aí produzir sentimentos de tensão e desprazer, nada poderemos aprender sobre o conteúdo do id. O id não é acessível à observação, sob todas e quaisquer condições. Já, o superego é, em sua maior parte, consciente e podemos alcançá-lo diretamente através da percepção endopsíquica. Não obstante, a nossa imagem do superego tende sempre a se tornar confusa e enevoadada quando existem relações harmoniosas entre ele e o ego. O superego, tal como o id, passa a ser perceptível no estado que gera dentro do ego: por exemplo, quando a crítica suscita um sentimento de culpa.

Segundo Salítova (2015), a Psicanálise é uma abordagem psicodinâmica que considera que os conflitos psicológicos não conscientes controlam o comportamento da pessoa. Dá atenção, em primeiro lugar, às pulsões internas, desejos, contradições não conscientes. O comportamento é determinado por forças intrapsíquicas que frequentemente se ocultam e não se revelam quando da tomada de consciência. A ideia de Freud, de que o homem seria um ser irracional, porque age, na sua maior parte, manobrado pelo inconsciente, representou uma revolução na sua época. O autor acreditava que o comportamento humano era definido por estruturas inconscientes, ou seja, as pessoas não se dão conta das razões verdadeiras que mobilizam o seu comportamento.

A mesma autora aborda que um outro postulado importante de Freud foi sobre a defesa psicológica. A personalidade tem vários mecanismos de defesa: sublimação, negação, repressão etc.

Salítova (2015) afirma que um dos objetos de críticas a Freud foi a tese de que todas as pulsões internas têm determinantes biológicos. Segundo Freud, temos dois tipos de pulsões básicas: as pulsões de vida (não somente sexual), de prazer, também denominadas de libido; e as pulsões de morte, denominadas de *thanatos*.

Segundo Salítova (2015), a teoria freudiana é uma das mais importantes na psicologia. Freud incentivou o desenvolvimento de muitas outras teorias psicológicas. Não foi o primeiro a discorrer sobre o inconsciente, mas foi o primeiro a delinear uma estrutura da personalidade e a introduzir o próprio conceito de personalidade na psicologia.

2.1 Estrutura da personalidade segundo Freud

Na primeira tentativa de formulação teórica sobre a personalidade, Freud propunha a ideia de que o aparelho psíquico se estruturava em: o consciente, o pré-consciente e o inconsciente. No consciente estão as representações mentais conscientes no momento, o que faz dessa instância psíquica uma dimensão em permanente metamorfose, pois a todo momento novas representações mentais estão se tornando conscientes e deixando de sê-lo. No pré-consciente se localizam as representações que podem vir a ser conscientes, mas que no momento não estão na consciência. Já, no inconsciente, estão as representações que já estiveram no consciente e/ou no pré-consciente, mas que de lá foram expulsas por causarem muita angústia e, por conta disso, não podem mais tornar-se conscientes sem que se aplique uma considerável dose de trabalho, sendo que algumas jamais poderão novamente ser conscientizadas em função da alta carga de ansiedade que produzem. Essa divisão do aparelho psíquico ficou conhecida na teoria psicanalítica como ‘primeira tópica’.

A primeira tópica se mostrou útil para Freud quando a psicanálise estava direcionada primordialmente à compreensão das formações do inconsciente e da natureza das representações mentais que causavam angústia e eram recalcadas. Porém, quando o foco da pesquisa psicanalítica começou a ser orientado para o ego, essa divisão começou a se mostrar insuficiente, então formulou o que foi chamada de segunda tópica.

Na segunda tópica, segundo Freud A. (2006), a personalidade é composta pelos grandes sistemas já referidos no capítulo anterior: id, ego e superego.

Id: trata-se da zona mais profunda e dinâmica do psiquismo humano. Fonte de toda energia psíquica (libido), albergando todas as forças instintivas, ancestrais, os desejos, as pulsões reprimidas ou censuradas, aspecto da personalidade relacionado aos instintos. Representa o motor de toda a energia psíquica (impulsos contraditórios de *eros* e *thanatos*). O id não tolera a tensão. Se o nível de tensão é elevado, age no sentido de descarregá-la. O princípio de redução de tensão, pela qual o id opera, chama-se princípio do prazer. O id, no entanto, não conhece a realidade objetiva, por isso não pode satisfazer as necessidades do organismo. Rege-se pelo princípio do prazer, evitando a dor. Este é caracterizado por ser atemporal (não é regido pelas dimensões de tempo e espaço); ilógico (não apresenta contradições e tem o predomínio da ambivalência); concreto (não prevê abstrações, mas apenas situações e coisas específicas); simbólico e mágico (qualquer coisa é possível); amoral (não obedece aos princípios socialmente aceitos). O id apresenta a forma de instintos inconscientes que impulsionam o organismo. O inconsciente é a maior parte da nossa vida, uma parte inatingível. É aqui onde habitam todas as pulsões do ser humano. As pulsões somente transpõem o consciente através de lapsos ou sonhos (FREUD A., 2006).

Ego: é o sistema que estabelece o equilíbrio entre as exigências do id, as exigências da realidade e as ordens do id. Aspecto racional da personalidade responsável pelo controle dos instintos, decide se acata as decisões do (Id) ou do (Superego). É o Eu e corresponde à dimensão da nossa vida e identidade pessoal reconhecidas como tais. É regido por leis lógicas, temporais, espaciais, o que convém ou não fazer. É o resultado da diferenciação do id em contato com a realidade e tem como função resolver os conflitos. O ego existe porque são necessárias transações apropriadas com o mundo objetivo da realidade. Para realizar suas funções, isto é, procurar satisfazer objetivamente as necessidades do id, o ego tem o controle de todas as funções cognitivas como perceber, pensar, planejar e decidir. Enquanto o id anseia cegamente e ignora a realidade, o ego tem consciência da realidade, manipula-a e, dessa forma, regula o id. O ego obedece ao princípio da realidade, refreando as demandas em busca do prazer até encontrar o objeto apropriado para satisfazer a necessidade e reduzir a tensão.

Superego: faz parte do Eu e é constituído por conteúdos inconscientes em forma latente, mas que podem tornar-se conscientes mediante um esforço de recordação. Representa a cultura, os valores sociais e familiares transmitidos pelos pais através do sistema de castigos e recompensas imposto à criança. Com a formação do superego, o controle dos pais é substituído pelo autocontrole. Corresponde à consciência moral e ao Ideal de Eu (a imagem que cada um tem de si mesmo). O superego pune (através do remorso, do sentimento de culpa) quando o sujeito faz algo considerado errado segundo os valores por ele introjetados, e também o recompensa (sentimento de satisfação, orgulho) quando o sujeito faz algo meritório em referência aos valores assimilados no seu processo de desenvolvimento. O superego faz críticas ao ego, produz angústia e ansiedade quando este manifesta tendência a aceitar impulsos instintivos primitivos vindo do id. As principais funções do superego são: inibir os impulsos do id (principalmente os de natureza agressiva e sexual) e lutar pela perfeição. O superego é aquilo que não conscientizamos nesse momento, mas podemos conscientizar posteriormente, como por exemplo, uma lembrança de algo que não advertimos no momento, mas que recordamos mais tarde (FREUD A., 2006). Origina-se com o complexo do Édipo, a partir da internalização das proibições, dos limites e da autoridade. O superego é algo além do ego que fica sempre censurando e dizendo: Isso não está certo, não faça aquilo, não faça isso, é o nosso ‘freio’.

Segundo Freud A. (2006, p. 10) “O id não é acessível à observação, sob todas e quaisquer condições. No caso do superego, seu conteúdo é, em sua maior parte, consciente e podemos, assim, alcançá-lo diretamente através da percepção endopsíquica.”

O ego, para lidar com as exigências pulsionais do id e a severidade punitiva do superego, se utiliza de mecanismos de defesa, os quais são abordados a seguir.

2.2 Os mecanismos de defesa na visão psicanalista

A palavra “defesa”, segundo Freud A. (2006), é a mais antiga representante do ponto de vista dinâmico na teoria psicanalítica, e representa a proteção do ego contra as exigências pulsionais. O termo surge pela primeira vez em 1894, no estudo de Freud denominado ‘As Neuropsicoses de Defesa’. Os mecanismos de defesa constituem operações de proteção do ego para assegurar a segurança do sujeito ou uma forma de adaptação, permitindo que alguns conteúdos inconscientes cheguem ao consciente de forma disfarçada.

Esses representam uma denominação dada por Freud para as manifestações do ego diante das exigências das outras instâncias psíquicas (id e superego). Os mecanismos de defesa são determinados pela forma como se dá a organização do ego: quando bem

organizado, tende a ter reações mais conscientes e racionais. Todavia, as diversas situações vivenciadas podem desencadear sentimentos inconscientes, provocando reações menos racionais e objetivas e ativando então os diferentes mecanismos de defesa. Estes mecanismos possuem a finalidade de proteger o ego de um possível desprazer psíquico, anunciado por sentimentos de ansiedade, medo, culpa, entre outros (FREUD A., 2006).

A Psicanálise, segundo Freud A. (2006), estudou vários mecanismos de defesa, entre os quais relacionamos abaixo os que mais se destacam:

1. Negação: significa recusar-se a reconhecer a existência de uma situação real ou sentimentos relacionados a ela e, também, recusar-se a reconhecer como seu, um pensamento ou um desejo que foi anteriormente expresso conscientemente. Negar a realidade é uma forma de proteção contra algo que pode gerar dor ou sofrimento. Não aceitar na consciência algum fato que perturba o próprio ego. Ex.: um alcoolista que não admite ter uma doença.
2. Compensação: tem por característica a tentativa do indivíduo de equilibrar suas qualidades e deficiências. Ex.: uma pessoa que não tem boas notas e se consola por ser bonita.
3. Repressão/Remoção: refere-se a retirada de ideias, afetos ou desejos perturbadores da consciência, pressionando-os para o inconsciente. O indivíduo ‘não vê’, ‘não ouve’ o que ocorre. Existe a remoção de uma parte da realidade. Esse aspecto, que não é percebido pelo indivíduo, faz parte de um todo e, ao ficar invisível, altera, deforma o sentido do todo. Este é um mecanismo de defesa radical, pois suprime a percepção do que está acontecendo. Ex.: esquecer-se de um acidente.
4. Formação reativa: trata-se de uma inversão clara, exagerada e, em geral, inconsciente do verdadeiro desejo. Freud A. (2006, p. 12) afirma que a formação reativa “é uma das mais importantes medidas adotadas pelo ego, como proteção permanente contra o id”. O ego procura afastar o desejo que vai em determinada direção, e, para isto, o indivíduo adota uma atitude oposta a este desejo. Aquilo que aparece (a atitude) visa esconder do próprio indivíduo suas verdadeiras motivações (o desejo), para preservá-lo de uma descoberta acerca de si mesmo que poderia ser bastante dolorosa. É o caso da mãe que superprotege o filho, do qual tem muita raiva porque atribui a ele muitas de suas dificuldades pessoais. Para muitas destas mães, pode ser aterrador admitir essa agressividade em relação ao filho. Ex.: traços de caráter perfeccionista e descompromissado constituem frequentemente formações reativas contra tendências, desejos e impulsos proibidos.
5. Projeção: diz respeito à atribuição de sentimentos ou impulsos inaceitáveis para si mesmo à outra pessoa. O sujeito imputa a objetos externos, aspectos psíquicos que lhe são próprios, mas que não são reconhecidos como seus, ou seja, projeta algo de si no mundo externo e não

percebe aquilo que foi projetado como algo seu que considera indesejável. É um mecanismo de uso frequente e observável na vida cotidiana. Ex.: o jovem que critica os colegas por serem extremamente competitivos e não se dá conta de que também o é, às vezes até mais que os colegas.

6. Racionalização: apresenta-se quando o sujeito procura achar motivos lógicos e racionais aceitáveis para pensamentos e ações inaceitáveis, ou seja, quando busca encontrar desculpas para o próprio comportamento. O indivíduo constrói uma argumentação intelectualmente convincente e aceitável, que justifica os estados "deformados" da consciência. O ego coloca a razão a serviço do irracional e utiliza, para isso, o material fornecido pela cultura ou mesmo pelo saber científico. Ex.: uma pessoa que prefere beber por ser a única forma de lidar com seus problemas ou o pudor excessivo (formação reativa), justificado com argumentos morais.

7. Deslocamento: ocorre quando se transfere o sentimento de um alvo para outro, o qual é considerado menos ameaçador. Esse mecanismo também compreende situações em que o todo é tomado pela parte. Ex.: alguém que teve um problema com um advogado e passa, então, a rejeitar todos os profissionais desta classe.

8. Sublimação: Parte da energia investida nos impulsos e instintos pessoais é direcionada, canalizada à consecução de realizações socialmente aceitas, atividades construtivas. Ex.: uma pessoa que é agressiva e canaliza essa agressividade para praticar algum esporte.

Freud A. (2006) afirma que nenhuma pessoa poderia fazer uso de todos os mecanismos de defesa identificados. Cada um seleciona alguns, que se fixam no ego, tornando-se modalidades regulares de reações do próprio sujeito, sendo repetidas por toda a vida, sempre que ocorre uma situação semelhante à original. Os mecanismos de defesa estão presentes e atuam em qualquer pessoa, mas sua atuação extrapolada representa um perigo à sanidade mental. A autora acentua que mecanismos defensivos podem falsificar a percepção interna do sujeito fornecendo somente uma representação imperfeita e deformada da realidade.

Certamente, chegar a conhecer e conscientizar os mecanismos de defesa que o sujeito tende a utilizar ao se defrontar com a realidade, evidencia-se como um caminho fundamental para o confronto com os próprios limites interiores e para a superação das resistências que impedem o crescimento pessoal e profissional. Para Freud A. (2006, p. 38), “é tarefa que compete ao analista descobrir até que ponto esses mecanismos geram a resistência do ego”.

Outro ponto levantado pela psicanálise é a transferência, quando o paciente passa a se interessar por tudo o que se relaciona com a figura do psicoterapeuta, atribuindo a ele maior importância do que por suas próprias questões, parece se desviar de sua própria doença. Pode ser positiva, tornando o paciente mais suscetível à influência do analista por nutrir por ele um

sentimento de empatia, respeito, admiração. Isso, de certa forma, que o faz baixar as resistências e se esforçar por associar livremente. Por outro lado, sempre o paciente que se comporta como se estivesse fora do tratamento, estamos diante de uma resistência. A causa básica dessas dificuldades, segundo Freud S. (1917-1916a, p. 513) “é o paciente ter transferido ao analista, os seus componentes pulsionais: sentimentos intensos, afetos, é uma vinculação amorosa que o paciente estabelece com o analista.” Este tipo de vinculação reflete, de forma direta, a resistência ao trabalho de investigação analítica.

Por transferência entendamos os impulsos experimentados pelo paciente, em sua relação com o analista, que não são uma criação nova ou recente da situação analítica objetiva, mas têm sua origem em relações remotas com o objeto e são agora meramente revividos sob a influência da compulsão de repetição. (FREUD A., 2006, p. 10).

A autora lista dois tipos de transferência: a transferência de impulsos libidinais, quando o paciente encontra-se perturbado em sua relação com o analista em virtude de emoções passionais, como amor, ódio, ciúme, angústia, o que não parece justificar-se pelos fatos da situação real. O próprio paciente resiste a essas emoções e sente-se envergonhado, humilhado, etc., quando elas se manifestam contra a sua vontade. Outro tipo é a transferência de defesa, quando a compulsão de repetição, que domina o paciente na situação analítica, quando o paciente não só transfere impulsos infantis e indeformados do id, mas transfere também os impulsos do id em todas aquelas maneiras de distorção que ganharam forma enquanto o paciente estava ainda na infância.

Freud (1915a/2004, p. 175-193), acrescenta também aos seus estudos, o recalque, como a ação de uma resistência que procura tornar as forças pulsionais inoperantes. Um dos efeitos fundamentais do recalque é que a finalidade da pulsão passa a gerar desprazer no lugar do que outrora era experimentado como prazer. Freud localiza que existe algo de irreconciliável entre o prazer liberado pela satisfação da pulsão e o desprazer que essa mesma satisfação provocaria em outras instâncias psíquicas. Para que o recalque ocorra, é necessário que a força motora do desprazer adquira maior intensidade do que o prazer obtido pela satisfação. Esse duelo de forças não está presente desde sempre. O recalque só se instaura na medida em que ocorre uma cisão psíquica entre a atividade mental consciente e a do inconsciente. Assim, enquanto defesa, o recalque consiste justamente em afastar algo da consciência. (FREUD, 1915a/2004, p. 175-193). Desta maneira, o recalque, portanto, interfere diretamente no dinamismo psíquico pela pressão que exerce na tentativa de evitar a aproximação de qualquer material inconsciente na consciência. Porém, Freud alerta que esse material inconsciente não jaz silenciado, mas, ao contrário, é potencializado a ponto de adquirir mais força e maior

organização. Essa luta definirá o conflito próprio à estrutura neurótica. É impossível supor que o recalque seja um mecanismo capaz de erradicar todos os restos da satisfação inconsciente da consciência. (FREUD, 1915a/2004, p. 175-193).

3. A ABORDAGEM ONTOPSICOLÓGICA

A Ontopsicologia diferencia-se em sua abordagem especialmente pelas suas três descobertas, as quais determinam um novo olhar e compreensão dos mecanismos de defesa e da dinâmica e estrutura da personalidade.

Iniciaremos pela descrição de suas descobertas para, em seguida, aportar a visão desta ciência a estrutura de personalidade.

3.1 O Em Si ôntico

O Em Si ôntico é uma das descobertas da Ontopsicologia e representa o critério de natureza, ou seja, uma medida que procede por evidência, responde a uma intenção de natureza e concretiza o objeto ou o campo pré-escolhido. Esse é o único critério aceito pela Ontopsicologia, pois no interior do nosso corpo já existe uma lei, uma intenção proposta pela vida. Trata-se de uma predisposição química, biológica, fisiológica. Para este autor (2010, p. 150) “o Em Si ôntico é o critério elementar, o iso que dá o iso a todos os comportamentos psicorgânicos”. O Em si ôntico é o “princípio formal inteligente que faz autóctise histórica.” (MENEGETTI, 2010, p. 157). É o critério base da vida, é o critério da Ontopsicologia. É o acontecimento do Ser em cada um de nós.

O Em Si ôntico, segundo Meneghetti (2010), é invisível e nós podemos vê-lo somente na sua fenomenologia, ou seja, através das suas 15 características, dentre as quais foram destacadas, neste estudo, o utilitarismo e a funcionalidade, ou seja, o seu critério ou ética é a evolução da própria identidade com preciso utilitarismo funcional. Deve-se, portanto, conhecer a própria identidade (quem eu sou, assim, aqui e agora), verificar o que é útil pra si mesmo (que serve) e o que é funcional (traz benefício neste momento, para este escopo)⁸.

A moral do utilitarismo funcional implica que uma coisa é boa, inerente a uma individuação, se a identifica e se exalta a sua função específica. O Em Si não quer o que é do outro, quer o que é seu, aquilo que o identifica. O conceito de utilitarismo funcional não deve ser confundido com o de utilitarismo pragmático em sentido opressivo. Se nos apropriarmos de uma coisa que não nos pertence, essa faz mal, corrói por dentro, leva o estranho à alma, produzindo dor, impropriedade e inimizade (MENEGETTI, 2012, p. 88).

⁸ Para aprofundamentos, ver Meneghetti, A. (2010, p. 159-166), *As 15 características do Em Si ôntico*.

3.2 O campo semântico

Meneghetti (2010, p. 183) define o campo semântico como um “transdutor informático sem deslocamento de energia (conceito físico): transmite uma informação, uma imagem, um código, que quando chega, estrutura em emoção qualquer coisa vivente, ou organizada em vida, comportando uma variante psicoemotiva orgânica”. O campo semântico é a comunicação base que a vida usa no interno de suas próprias individualizações. É a comunicação fundamental, a primeira, que vem antes de todas as outras. Trata-se da transferência de uma informação de um campo a outro.

É um conhecimento sensório-visceral. Se sente com o corpo. Se estrutura no corpo. É imissão de informação a efeito psíquico, emocional, etérico no campo de um outro organismo: Efeito emotivo significa que modifica o sentimento, a emoção; efeito psíquico pois impulsiona a agir; efeito etérico porque varia e desloca o etérico no corpo.

Segundo Meneghetti (2010, p. 186), “o campo semântico é positivo quando a informação tem fim homogêneo ao organismo do receptor, reforça a normativa da funcionalidade orgânica e investe toda a pessoa.” É específica função da vida e, para tal, não é necessária uma predisposição caracterial no receptor, pois é similar às pulsões do Emissivo do receptor e potencializa as suas memórias. O autor reforça que o campo semântico positivo deve ser conscientizado, pois funciona por breve tempo se o sujeito não mantém a integridade pessoal, a exatidão de consciência e a perfeição de ação histórica.

O campo semântico, segundo Meneghetti (2010, p. 187), pode também ter efeito negativo. Neste caso, a informação tem fim heterogêneo ao organismo do receptor, reforça a predisposição caracterial do sujeito e não é uma informação universal, mas somente para alguns já predispostos a recebê-la (seleção temática complexual). O campo semântico a efeito negativo elimina as memórias e/ou estereótipos experienciais do sujeito. É sempre inconsciente, mas volitivo no receptor, em função de sua predisposição caracterial.

3.3 O monitor de deflexão

A escola ontopsicológica, conforme Meneghetti (2010), evidenciou um estabilizador obsessivo, que determina o universal da psicopatologia no interior e no exterior do indivíduo. A esse estabilizador, chamou de monitor de deflexão.

O monitor de deflexão é um dispositivo psicodélico que deforma as projeções do real à imagem. Em vez de repetir a imagem referente ao objeto, altera qualquer sinal que reflete o real segundo um programa prefixado. Em vez de projetar especularmente (refletir), desvia segundo uma temática imposta no receptor (deflete) (MENEGHETTI, 2010, p. 172).

O monitor de deflexão é um espelho deformador de onde o Eu toma a própria medida. É um programa (mecanismo) acumulado no interior das células cerebrais que age com interferência especular (holográfica), antecipando e defletindo a percepção egoceptiva baseado em uma imagem dominante impressa durante o momento de aprendizagem da vida (infância). Sucessivamente, o monitor de deflexão renova continuamente estas imagens, por meio dos sonhos, dos estereótipos, das instituições, da cultura selecionada.

A inserção do monitor de deflexão, para Meneghetti (2010), pode ocorrer diretamente sobre o sujeito através de estados oníricos, situações de transe, na ocasião de utilização de psicofármacos alucinógenos ou drogas, visões hipnóticas, oblações místicas, estados rituais com forte perda de orientação racional. No momento da inserção o sujeito sofre um indeterminado fora de si. Essa inserção também pode ocorrer indiretamente, quando o monitor se insere por transdução de campo semântico nas primeiras e fundamentais relações afetivas: pais, professor, parceiro etc. Esses atores fazem transfert do mecanismo em um sujeito afetivamente dependente, não por vontade consciente, mas por simples transfert compensativo, mas ocupacional do outro.

São efeitos do monitor de deflexão:

- 1) Subtração da consciência do Em Si, fato que torna o homem inconsciente a si mesmo;
- 2) Ocupação dos elementares postulados do comportamento ético. O homem fixa-se e não discute as regras de conduta nem consigo mesmo;
- 3) Experimento do medo e da angústia.

São ações do monitor de deflexão:

- 1) Estabelece a coação a repetir. Faz repetição, revê sempre a mesma cena, repete sempre as mesmas palavras. É circular e obsessivo, mas se investe de energia emocional. Torna o sujeito ausente do conjunto e o fixa, o bloqueia em um ponto, que pode ser de agressividade ou amor, prazer ou dor, é indiferente. O sujeito passa a ver tudo e a registrar tudo com base naquela fixação, registra todo o real em exclusiva repetição de tal relação.
- 2) Associa-se a esta repetição tudo o que é fixo, que é estático, portanto, as referências de tudo o que é infantil: aquele tipo de culpa e paulatinamente, o homem se apequena, torna-se ineficiente, experimenta o medo e perde a realidade.
- 3) O sujeito começa a ter pequenas desgraças: estraga o carro; o telefone não funciona; esquece de fazer aquele telefonema, executar um trabalho; tropeça e quebra a perna; dirige o carro, derrapa em uma curva e provoca um acidente; vai as compras, gasta demais e os

débitos aumentam etc. O sujeito perde a orientação da economia geral, não tem mais a visão vital, a gestão eficiente de si e de sua economia integral.

4) Adentra o monitor social, externo, isto é, aquele clichê, aquele modo, aquela mentalidade, aquela psicologia que a massa possui. O sujeito fica impedido de encontrar e falar com os grandes, com as pessoas inteligentes, não é mais capaz de sustentar a própria solidão e vai em busca de consenso: vai a bares, na estrada, vai com drogados, com outras pessoas falidas, para encontrar um pouco de conjunto. No rádio, TV e jornal, escuta só aquelas notícias que o condenam. Não reconhece mais a palavra, o conselho, as oportunidades da vida, oportunidades de realização e por isso fixa-se na mediocridade comum, perdendo a excelência do conhecimento e a maestria do próprio bem existir como pessoa, como líder, como criativo, como fator multiplicador de providência para ou outros e para a sociedade. Retira-se do jogo e mantém-se como coisa daqueles que são mais capazes.

Segundo Meneghetti (2010), é possível isolar o monitor de deflexão, mas não é possível eliminá-lo completamente, pois o mesmo já faz parte dos reflexos neurônicos. Para isolar a ação do monitor de deflexão é preciso recuperar a exatidão da percepção orgânica, ou seja, receber e reconhecer a informação recebida de acordo com “um conjunto de funções materiais e psíquicas para uma unidade de ação.” (MENEGETTI, 2012, 198). Uma vez examinada e ab-reagida a imagem-matriz⁹, é necessário desarticular a dinâmica do monitor de deflexão através de contra hábitos positivos.

3.4 A estrutura da personalidade na visão ontopsicológica

Conforme já referido anteriormente, a Ontopsicologia é uma “ciência que estuda a atividade psíquica em sua causalidade primeira, incluída a compreensão do ser.” (MENEGETTI, 2012, p. 191).

O problema fundamental da Ontopsicologia pode ser assim articulado: quem eu sou, de onde eu vim e para onde eu vou? Para tanto, examinar a estrutura da personalidade, na visão ontopsicológica, requer que se estude o homem a partir de sua constituição (MENEGETTI, 2010), a qual é descrita a seguir.

a) Em Si ôntico: é o gerador contínuo que atua a própria formalização histórica através do momento do Eu a priori, sendo este a reflexão do Em Si ôntico em situação histórica.

⁹ Imagem-matriz: “Cada um de nós tem um monitor de deflexão próprio, que é inserido na primeira infância como uma placa mãe, porém é uma placa mãe especular. É uma projeção inserida no cérebro humano com o procedimento idêntico ao da realização de uma imagem holográfica. por isso se fizermos a análise do nosso cérebro não a encontraremos. Porém, a vemos operante tão logo o sujeito se encontra em uma ação do próprio sistema psíquico.” (MENEGETTI, 2011, p. 49-50).

b) Eu a priori: é Eu antes da escolha. Forma virtual do Eu organísmico antes do acontecimento e desenvolvimento histórico. Constitui o possível ótimo a ser efetivado por sucessiva tomada de consciência e de vontade a fim de que se dê o nascimento constante do Eu histórico e em progresso contínuo. É o representativo ideal da solução possível como única perfeição, mas se concretiza apenas se, e no modo que, o Eu consciente decide o escopo último da totalidade do Ser, (MENEGETTI, 2012, p. 105).

c) Eu lógico-histórico: refere-se ao eu voluntarístico, pensante. Concretiza o real segundo exigências introversas ou extroversas. É a função fenomenológica da realidade histórica, o ângulo ótico de tomada de contato, o ponto de relação único daquele lugar de existência.

d) Monitor de deflexão: estrutura permanente, não vital. É um dispositivo psicodélico que deforma as projeções do real à imagem.

De acordo com a ciência ontopsicológica, o ser humano possui uma estrutura originária que, conscientizada pelo Eu na sua integralidade, pode levar o sujeito a própria autorrealização. Porém, em função da interferência do monitor de deflexão, o indivíduo aliena-se do próprio íntimo e entra em defesa de tudo aquilo que é previsto pelas regras sociais. Em última instância, o indivíduo perde a sua bússola interior e guia-se por preceitos morais e culturais que, na maior parte das vezes, não são funcionais a sua evolução contínua, ou a intencionalidade de natureza.

3.5 Os mecanismos de defesa na visão ontopsicológica

Segundo a visão da Ontopsicologia, a vida, desde o nascimento, dota o homem de mecanismos de defesa. Aqueles, conhecidos como mecanismos que distorcem, na origem são todos derivados da estrutura originária da vida. “A informação, inicialmente vital, no momento em que passa no centro condicionante do organismo ou no ponto de relação com o ambiente, é interceptada e corrigida, de modo que todo o organismo entra em alarme.” (MENEGETTI, 2010, p. 216). O organismo, desvirtuado da sua sabedoria, é reinformado e irrompe em defesa. A defesa associa-se a objetos justificantes, ou seja, a requisição feita pelo superego pode reinformar uma mensagem de perigo.

Para Meneghetti (2010, p. 216-217), os principais mecanismos aos quais o indivíduo recorre, que consentem a estruturação e o funcionamento de todos os outros, são a associação e o deslocamento. Associação compreende também o significado de deslocamento, O instinto de associação ao que nos representa um objeto vital (água, ar) já existe dentro de cada um de nós. A gratificação é primária na associação, ou seja, a partir do momento em que se existe, sempre se é coordenado às coisas vitais, gratificantes, boas, de recarga vital, organísmica. O

deslocamento e a remoção fundamentam-se numa atitude biológica de sobrevivência, ou seja, intencionalidade de adaptação de cada organismo. Esse mecanismo é tão forte quanto é a força de intencionalidade vital de um organismo.

A tese ontopsicológica é esta: qualquer tipo de associação consciente é sempre possível na medida em que, subjacente, exista a gratificação primária entre orgânico e ambiente; esse tipo de gratificação primária entre os indivíduos e ambiente é instinto fundamental que sustenta todos os outros fenômenos". (MENEGHETTI, 2010, p. 217).

Para Meneghetti (2010), ao longo da nossa existência, somos vítimas de uma remoção contínua, onde é necessária a adaptação aos padrões aceitos socialmente e no âmbito familiar. A estrutura complexual se solidifica, ocorre a perda da lei vital e prevalece a proibição. O indivíduo esquece de ser a si mesmo e adota um comportamento que busca a aceitação dos outros. Esse comportamento pressupõe o esquecimento de que não é essa aceitação que funda o próprio valor, mas a coragem da própria autenticidade.

Os principais mecanismos de defesa, aos quais o Eu recorre frequentemente (MENEGHETTI, 2010, p. 218-219), são os seguintes:

- b) Compensação: o Eu evade da ação exata com um álibi que compromete a consciência em substitutivos menores. Ex: autopunição, falsa humildade;
- a) Supressão: extingue determinadas pressões ou percepções que podem colocar em ameaça o apreço, o valor, a importância do Eu;
- c) Racionalização: o Eu funda numa causa ética o que não tem esse fundamento ou que é, até mesmo, ilícito;
- d) Projeção: a conduta responsável projeta uma exigência em modo unidirecional, negligenciando todo o restante. Projeta nos outros aquilo que lhe é próprio;
- e) Abdicação: é a transferência a outros do seu próprio dever ou consciência moral e, portanto, é a instância que sustenta os sentimentos de angústia e de culpa. Abdicação à oportunidade de ser mais.

Segundo Meneghetti (2010), os mecanismos de defesa em si são neutros, servem para resguardar a vida e gerar certa adaptação. Tornam-se negativos quando fogem ao controle da consciência e são colocados a serviço de um Eu fictício (não autêntico), dos estereótipos, dos complexos, ou seja, de toda estrutura originada pelo monitor de deflexão.

Meneghetti (2010), também abordou o fator por parte do paciente em seus estudos e a classificou da seguinte forma:

1. Resistência à psicoterapia: quando o cliente entra em contraste com a figura do psicoterapeuta. Se este tipo de resistência ocorre, o autor refere que não se deve trabalhar com o cliente.
2. Resistência do eu: trata-se de uma rigidez do Eu que está convicto de controlar tudo, e baseia-se na opinião de que a realidade seja como ele a vê. Durante as sessões, a atitude do cliente tende a ser de reação e ataque, porque ele tenta salvar as próprias certezas e a própria identidade pelo modo como se reconhece. Neste caso, segundo o autor, é necessário atualizar o cliente sobre a realidade do inconsciente.
3. Resistência do complexo: este tipo de resistência é atuada pela estrutura do complexo, o qual age de forma independente do Eu. Esta resistência tem uma dúplice finalidade: a) conservar o *status quo* do complexo; b) extinguir tudo o que é vital e que pode subvertê-lo.
4. Resistência por *transfert*: neste caso, o sujeito ama ou gratuitamente adere ao consultor pelos seguintes motivos: a) para não mudar; b) para parasitar o consultor; c) para destruir o próprio erro arruinando o consultor vítima.

O *transfert*, na ótica ontopsicológica, é “a transferência de um conteúdo emotivo com atitude constelante ou de agregação de um sujeito a outro.” (MENEGHETTI, 2010, p. 315).

Formas de *transfert*:

1. *Transfert* de sedução: O paciente investe o psicoterapeuta com as próprias cargas sedutoras ou eróticas, com o único escopo de seduzi-lo, portanto reduzi-lo. Negativo.
2. *Transfert* histórico: Através de confronto (ódio e amor) com o psicoterapeuta, o paciente ab-reage ou desenterra o conteúdo afetivo que se refere historicamente a uma outra situação e pessoa, a qual até o momento opera como removida ou constelante do Eu.
3. *Transfert* de amor: É um envolvimento motivado pelo inconsciente base do cliente, que tende à interação global. O ontopsicólogo é visto como estímulo e modelo da própria auto realização ou auto liberação.

“A única relação que a Ontopsicologia aceita é a terceira, ou seja, a interação com o Em Si ôntico.” (MENEGHETTI, 2010, p. 315).

Para Meneghetti (2015), analisando o comportamento resistente de uma pessoa dependente em família, ela demonstra uma dificuldade real, ou seja, o ambiente realmente não lhe propicia a tomada de decisão individual. Porém, se o psicoterapeuta tentar explicar diretamente ao paciente o que lhe acontece, ele acaba tornando-se um defensor na competição contra quem queira eliminar o seu aliado secreto. Daí a importância do conscientizar o paciente da necessidade de responsabilizar-se por suas próprias escolhas e da sua decisão em ser ou não a si mesmo.

4. RESISTÊNCIA: COMO SUPERÁ-LA

4.1 Como superar a resistência de acordo com a ótica psicanalítica

De acordo com Freud A. (2006), dispomos de poucos meios para superar a resistência. Em primeiro lugar, devemos refletir que a resistência psíquica só pode ser dissipada com lentidão, passo a passo, então deve-se ter paciência. Em segundo lugar, pode-se contar com o interesse intelectual que a pessoa pode demonstrar a respeito dos processos psíquicos. Quando a pessoa conhece, pode demonstrar interesse e, então, pode-se induzir, estimular esta pessoa a encarar a si mesma com o mesmo interesse objetivo de um pesquisador. Desta forma, podemos dissipar sua resistência, que repousa, de fato, numa base afetiva. Mas por último, o pesquisador deve se esforçar para descobrir os motivos de sua defesa, ou seja, atuar onde a ignorância deu origem ao medo e à resistência. Tudo isso com ajuda do trabalho psicoterapêutico.

A tarefa do analista é, antes de tudo, proceder ao reconhecimento dos mecanismos de defesa. Sua tarefa seguinte é desfazer o que tiver sido feito pela defesa, isto é, descobrir e repor em seu lugar o que foi omitido por meio do recalçamento, corrigir os deslocamentos e devolver ao seu verdadeiro contexto o que tiver sido isolado. Assim que tiver restabelecido as ligações cortadas, dirige a sua atenção, uma vez mais, da análise do ego para a do id. (FREUD A., 2006, p. 17).

De acordo com Freud S. (1893-1895/1974,) a resistência deve ser encarada como um obstáculo a ser superado para a boa continuidade do tratamento, especialmente no âmbito da psicanálise. Caso a resistência seja muito grande, segundo o autor, deve-se interromper o trabalho até que a mesma diminua.

4.2 Como superar a resistência de acordo com Maslow

Para Maslow (2001), a psicologia deveria atuar mais em desenvolver o potencial do humano, e não apenas curar as doenças psíquicas. Para que isso aconteça, são necessários alguns pressupostos básicos. O autor afirma que cada um de nós tem uma natureza interna essencial, biologicamente alicerçada, natural, intrínseca, dada e, num certo sentido limitada. A natureza interna de cada pessoa é, em parte, singularmente sua e, em parte, universal na espécie, sendo possível estudar cientificamente essa natureza interna e descobrir a sua constituição. As necessidades, as capacidades, as emoções humanas básicas humanas são

neutras, pré-morais ou positivamente 'boas'. Sendo assim, é preferível expressá-las e encorajá-las. Se esse núcleo essencial da pessoa for negado ou suprimido, ela adoece.

Maslow afirma que a natureza humana interna não é forte, preponderante e inconfundível, como os instintos dos animais. É frágil, delicada, sutil e facilmente vencida pelo hábito, a pressão cultural e as atitudes errôneas em relação a ela. Mesmo sendo frágil, raramente desaparece na pessoa normal. Ainda que negada, persiste subjacente e para sempre, pressionando no sentido da individuação.

De que forma poderemos encorajar o desenvolvimento e a realização humana? Segundo Maslow (2001), as pessoas doentes são feitas por uma cultura doente e as pessoas sadias são possíveis através de uma cultura saudável. Melhorar a saúde individual então, parece ser o início do encorajamento para desenvolvimento individual.

Maslow (2001) questiona: o crescimento e a realização plena da pessoa serão possíveis sem dor, aflição e atribulações? Se a aflição e a dor são, por vezes, necessárias ao crescimento da pessoa, então devemos aprender a não nos protegermos delas. Por vezes, podem ser boas e desejáveis, tendo em vista as boas consequências finais. Não permitir às pessoas que expiem seu sofrimento e protegê-las da dor poderá resultar numa espécie de superproteção que, por seu turno, implica uma certa falta de respeito pela integridade, a natureza intrínseca e o desenvolvimento futuro do indivíduo. Isso não acontece se há a resistência por parte da pessoa que quer crescer.

Para Maslow (2001), uma das grandes descobertas da psicologia, feita por Freud, foi que a grande causa de muitas doenças psicológicas têm como causa o medo do autoconhecimento – as próprias emoções, impulsos, recordações, capacidades, potencialidades, o próprio destino. Em geral, o medo é uma ação defensiva, uma demonstração de resistência, no sentido de que constitui uma proteção de própria autoestima e respeito por si próprio. O ser humano é propenso a temer qualquer conhecimento que possa causar o desprezo por si ou fazê-lo sentir-se inferior, fraco, inútil, indigno. A essas manobras utilizadas para evitar essa consciência de si próprio, damos o nome de resistências. Ser completamente honesto consigo próprio é o melhor esforço que um ser humano pode realizar.

Mas há outra espécie de verdade que a maioria dos sujeitos é propensa a evitar e que prejudica o desenvolvimento pessoal, isto é, a negação do seu lado melhor, dos seus talentos, dos seus mais delicados impulsos, das suas mais altas potencialidades, da sua criatividade. Em síntese, essa é a luta contra a sua própria grandeza. A ciência ontopsicológica, neste sentido, tem uma abordagem inovadora, que se deve, essencialmente, as suas descobertas e ao método que utiliza para acessar o íntimo humano.

4.3 Como superar a resistência de acordo com a Ontopsicologia

4.3.1 A metanoia

Segundo Meneghetti (2005-1, p. 109-111), a partir do momento em que um ser humano é de um modo, existe, cabe-lhe um comportamento, uma atitude, que de certa maneira torna-se bem ou mal à pessoa. O conceito de bem ou mal é compreendido, neste contexto, como funcional ou não para a pessoa. Existe, segundo Meneghetti, a motivação, que é ativada pelos sentidos, o intelecto extrai a representação, uma noção, um conhecimento, e gera então a vontade. Se o intelecto apenas representa, é conhecimento; se age, pode ser chamado de vontade – de ato voluntário, ou seja, de ação. “A vontade – a decisão de agir-não agir, fazer-não fazer etc., é apoiada em uma forma de consciência. Deveria ser apoiada no intelecto como é, porém, os homens compreendem por consciência, a qual – no fato humano – não é mais exata, é alterada.” (MENEGHETTI, 2005-1, p. 110). Se a consciência não é exata, o código no qual se baseia a vontade pode levar à “não ação”, gerando resistências ao novo.

Meneghetti (2005-1 p. 111-113) cita o ato voluntário como critério para que ocorra a ação, em base à inteligência e vontade do sujeito. Três fatores impedem o ato voluntário:

- a) A ignorância, subentendida como a falta de conhecimento, gerada pelos estereótipos, formação, educação etc. A pessoa tem uma consciência ignorante.
- b) A concupiscência ou paixão (sexo, possessividade, agressividade), que diminui a capacidade intelectual, ofusca, cria confusão.
- c) Coação ou violência, que pode ser interna ou externa. Representa um impedimento que coloca medo na vontade e não permite que a pessoa aja.

Para Meneghetti (2005-2, p. 336-337) não somos apenas provenientes deste mundo, pois somos transcendentais. Alcançamos o sucesso se temos um protagonismo e a atração a um caminho mais nobre, maior. O autor menciona que há três motivos para que o homem cresça, quais sejam.

- a) Sair de um problema, de uma dor, de um erro – livrar-se de dor e ameaças;
- b) Facilitar a própria existência em busca do sucesso – oportunidades de crescimento;
- c) A busca pelo prazer eterno, a verdade última das coisas, onde os princípios da existência encontram a sua motivação.

Meneghetti considera que o crescimento, a realização, o sucesso, somente acontecem quando existe a ação coerente. Não basta saber, é necessário agir. Somente o homem maduro entende e conhece a vida. “A vida depende, como ato constante e contínuo, de uma decisão que devemos tomar a cada momento.” (MENEGHETTI, 2004, p. 15).

Estamos neste planeta, somos momentos da história, é preciso agir segundo o possível, momento a momento. A existência é ação. Se fosse só contemplação, só transcendência, então bastaria o Ser. Se somos existentes, devemos fazer, por que quanto mais o ser humano se realiza, mais o Em Si tem possibilidade, civilidade neste planeta e o indivíduo entra na história interplanetária. Cada um a seu modo, sendo a sua originalidade, qualquer que seja o posto que possui (MENEGETTI, 2005-2, p. 343-344).

Segundo Meneghetti (2005-2), o homem, depois de resolver a doença, as facetas complexuais, tem que ir em busca do crescimento e isso não é uma tarefa fácil, pois deve saber escolher entre as diversas estradas. Não basta ter a disposição para a mudança, mas é preciso também saber escolher a estrada, segundo a própria natureza, segundo o próprio Em Si ôntico. No entendimento de Meneghetti (2009, p. 88), “as pessoas pobres não querem seriamente conquistar a riqueza, por que criar riqueza significa responsabilidade, coerência e capacidade, uma vez que o dinheiro quer sempre um patrão excelente por inteligência, vontade e capacidade e técnica”. Segundo o autor, para se alcançar a realização, a autonomia e dar protagonismo à própria história, é necessário trabalhar continuamente pelo projeto, momento a momento (miricismo cotidiano). O prazer chegará para aqueles que alcançarem um resultado agradável, segundo critérios do utilitarismo e funcionalidade. Para isso, será necessário:

1. Decidir fazer parte da vida;
2. Compreender a vida como oportunidade de protagonismo (segundo a própria identidade);
3. Conservar, qualificar e transmitir a ação do projeto de vida.

Tais indicações requerem mudança, melhoria contínua, foco, uma inteligência capaz de ir além de onde a maioria opera. É necessário ter coragem para agir, sem resistências.

Numa vida de realização, prazer, protagonismo não há lugar para a resistência, para o medo, para a estagnação. É necessário trabalhar, é necessária uma afirmação positiva, é necessário colaborar com a vida. “A vida é uma oportunidade de protagonismo” (MENEGETTI, 2009, p. 90). É necessário fazer metanoia, que segundo Meneghetti (2012, p. 172), significa “variação radical do comportamento para identificá-lo à intencionalidade do Em Si ôntico.” É fundamental a reorganização em evolução progressiva de todos os modelos mentais e comportamentais.

“A essência do processo de metanoia é o desinvestir-se continuamente do passado e o constituir-se sobre a funcionalidade imediata do sujeito aqui e agora, segundo a seleção do Eu a priori.” (MENEGETTI, p. 172, 2012) . Significa voltar a refletir sobre o que se é, recuperar a leitura, a compreensão, a experiência do Em Si ôntico, que nos dá a exata posição

de identidade utilitarista-funcional evolutiva. Evolutiva no sentido de buscar estar bem, buscar a evolução, o crescimento, a criatividade (MENEGETTI, 2010).

A visão da Ontopsicologia é: “o homem protagonista responsável, baseado em uma virtualidade capaz de atuação pessoal no ser.” (MENEGETTI, 2010, p. 26). Para isso, será necessária a autenticação do Eu, que somente é alcançada se ocorrer a metanoia. O Eu deve nascer continuamente, ou seja, deve atuar continuamente a ética otimal (Eu a priori). O conhecimento sobre o assunto é importante, mas não é suficiente, por isso, nesse processo, torna-se indispensável a psicoterapia de autenticação. A cura da alma (psicoterapia), exige uma compreensão psicológica (os processos da mente) e uma compreensão ôntica (do ser). O homem não consegue fazer essa passagem de crescimento e evolução, praticar e aplicar os seus valores interiores, se antes não fizer uma verdadeira psicoterapia.

4.3.2 A Psicoterapia de autenticação

De acordo com Meneghetti (2010), a psicoterapia é o cuidado da mente, da alma. É a análise e reintegração da atividade psíquica com metodologia racional e intuitiva, portanto, com exclusão de qualquer meio físico ou químico, para individuar o ótimo de comportamento global do sujeito. “A psicoterapia é reformar ou corrigir o Eu segundo a constante direção ou critério do Em Si ôntico, com dissociação do monitor de deflexão, é indução a especificar a autóctise¹⁰ metafísica¹¹ do sujeito na história.” (MENEGETTI, 2012, p. 228). “Dizer de fato psicoterapia é confirmar de modo específico uma atitude de pesquisa saneadora e deferente em relação à alma¹².” (MENEGETTI, 2004, p. 90).

Meneghetti (2010) propõe a psicoterapia de autenticação como uma atividade destinada a poucos capazes, ou seja, aquelas pessoas que pretendem alcançar o crescimento e a realização, que sabe e quer ser um sujeito da vida, como é a proposta de estudo desse trabalho. “Para fazer psicoterapia, antes de tudo, é necessário criar uma suspensão total de qualquer juízo. É preciso parar, ter uma capacidade de auto-suspender-se, por ser a autenticação, ou seja, cura da alma.” (MENEGETTI, 2004, p. 99). Fazer psicoterapia de

¹⁰ Autóctise: “Processo histórico de escolhas existenciais que fazem a resultante da evolução e da situação pessoal. O termo é utilizado em dois modos: 1) o fato em si (autopôr-se); 2) o processo de fazer-se (autoconstrução), ou seja, a autóctise histórica como processo psicológico. “O Em Si é um princípio formal inteligente” é a definição metafísica; “que faz” é a passagem ao fenômeno, é o momento da criação.” (MENEGETTI, 2012, p. 31).

¹¹ Metafísica: “Subdivisão fundamental da filosofia, caracterizada pela investigação das realidades que transcendem a experiência sensível, capaz de fornecer um fundamento a todas as ciências particulares, por meio da reflexão a respeito da natureza primacial do ser.” (HOUAISS, 2009, p. 1281).

¹² Alma: “Constituinte do ato, presença da forma que especifica a inteligência do organismo-homem.” (MENEGETTI, 2012, p. 20).

autenticação é desenvolver cultura de alta inteligência e exercício crítico de consciência sobre si mesmo.

A psicoterapia ontopsicológica conduz ao reencontro do verdadeiro ôntico pessoal, por meio do qual o homem reconhecerá as possibilidades que lhe são úteis e funcionais segundo o critério do Em Si ôntico. O que se propõe como resultado é a “autenticação do humano, ou seja, a reintegração ou conscientização do original natural em antecipação a qualquer aculturação sucessiva não congruente.” (MENEGETTI, 2010, p. 281).

Meneghetti (2015) sugere, desta forma, que a psicoterapia é necessária e deveria durar enquanto há resistência no paciente. Estando em contato com a resistência do paciente, deve atuar para atacá-la, manobrá-la, sem analisá-la excessivamente. Deve sempre lembrar que esta é apenas a ponta exibida de um *iceberg*, ou seja, há sempre uma causa anterior, que habitualmente está centralizada numa patologia familiar. Não se pode fazer uma psicoterapia séria aceitando que existe um inconsciente e que este assim persevere. O primeiro passo para acessar o inconsciente do humano, segundo Meneghetti (2004, p. 109), é a “reabilitação de todos os particulares que acontecem e se fenomenizam, tanto nos sentidos externos, quanto naqueles internos, isto é, segundo uma fenomenologia sensorial e de consciência”.

Meneghetti (2010, p. 293) afirma que a “psicoterapia de autenticação é a recuperação da inteligência da alma em sentido laico e racional. Não é a cura de doença, mas potencialização da inteligência e da criatividade”. Esse processo atua-se como consequência de uma transformação comportamental do campo decisório ou moral do sujeito, ou seja, tem que demonstrar diferentes comportamentos e atitudes, em consonância a um modo vencedor.

O homem deixará de fazer escolhas banais e fará escolhas autênticas, que lhe levarão ao crescimento e evolução pessoal (MENEGETTI, 2010, p. 283-284). “A vida é ordem interior e para garanti-la é necessário saber a ordem interior. ‘Ordem’ interior significa uma constância comportamental conforme a constituinte primária do ser homem.” (MENEGETTI, 2004, p. 96).

Não estamos neste estudo citando apenas a resistência aos aspectos que tornam uma pessoa doente, mas aqueles que impedem o crescimento e a evolução da pessoa como um vencedor na vida. Para tanto, a Ontopsicologia propõe um método psicoterapêutico que, segundo Meneghetti (2012, p. 227), é entendido como “análise dos processos psíquicos para individuar o ótimo do comportamento global do sujeito”. Essa atividade consiste em: individuar a pulsão do Em Si ôntico¹³ no aporético contexto psicológico do indivíduo,

¹³ Em Si ôntico: “Princípio, formal e inteligente que faz autóctise histórica. O ponto primeiro do qual principia o determinar-se de uma individuação, o primeiro que faz ser ou não ser, existir ou não existir. É o elementar

evidenciar sua exigência autêntica em ação situada e provocar sua atuação possível. Meneghetti (2010) descreve assim o esquema base do processo ontoterapêutico:

1. Identificação do Em Si ôntico: individuar a identidade original do sujeito, ou seja, o projeto-base de natureza que funda aquele ser humano.
2. Autenticação: levar o sujeito da dispersão histórica à virtualidade da própria intencionalidade de natureza¹⁴. Ser autêntico significa, para o autor, sermos iguais a como o ser nos põe.
3. Evolução: estímulo ao desenvolvimento do sujeito conforme as coordenadas do Em Si ôntico.

O homem, sendo virtual, é um projeto que faz autóctise progressivamente. Cada vez que faz progresso e autóctise, aperfeiçoa uma premissa. Cada escolha, cada investimento condiciona o sucessivo e se reflete no inteiro. Continuamente, experimentamos o efeito das nossas causas e causamos os nossos efeitos (MENEGETTI, 2012, p. 84).

4.3.3 A exatidão do pesquisador

Para Meneghetti (2010, p. 142), somente àquele que entra em iso com a natureza é consentido o poder do controle do real, portanto o poder do prazer: êxodo da doença, do medo, da angústia, do medo da morte, sanidade, liberdade, sabedoria. Ao cientista principalmente, a capacidade de ser exato”. Meneghetti (2010, p. 143) afirma que para ser exato o pesquisador deve demonstrar funcionalidade circular a si mesmo, ou seja, correspondência das diversas partes em uma única função - essa condição define um sujeito sadio. O autor (2010, p. 143-144) define cinco critérios para a exatidão do pesquisador:

- 1) Funcionalidade: a unidade de ação se autorregenera enquanto se desenvolve historicamente. O sujeito está bem, é correspondente a si mesmo, circular e contínuo, funciona em crescimento.
- 2) Correspondência com o iso de natureza: quando verificamos essa funcionalidade, ela se revela igual à natureza, o homem compreende a linguagem das coisas e da diferenciação. É familiar com o íntimo da natureza, tornou-se consciência com o iso de natureza, do qual o campo semântico é a expressão fenomênica “primeira”. A sua consciência é uniforme à intencionalidade de natureza.

formal da unidade de ação homem. O Em Si constitui o critério-base da identidade do indivíduo, seja como pessoa, seja como relação. É o núcleo com projeto específico que identifica e distingue o homem como pessoa e como raça, em âmbito biológico, psicológico e intelectual.” (MENEGETTI, 2012, p. 84).

¹⁴ Intencionalidade de natureza: “O modo no qual se especifica a intencionalidade na existência aqui e agora; a forma que especifica, tipifica, individua e define os modos de acontecimento daquele existente.” (MENEGETTI, 2012, p. 141)

3) Univocidade entre as percepções do sujeito: que o sujeito perceba com os pés, com os olhos, com as orelhas, com a sensação, através da anamnese, ou através da linguagem onírica, o resultado é o mesmo; esse homem atinge o idêntico resultado com qualquer sentido de si mesmo que use. Qualquer modo específico que ele adote para conhecer, o resultado de cada parte singular, através da qual conhece, é o mesmo.

4) Controle sobre o objetivo: este homem, pelo conhecimento que tem, tão logo se encontre diante de uma novidade problemática (o problema é estímulo de inteligência, dá o starter à dialética do devir criativo), muda a realidade em vantagem própria. Não a sofre: controla e facilita para se e para o contexto em que se encontra.

5) Desaparecimento do sintoma: não somente o sujeito é isento de distorção somática ou neurótica, mas desaparece também o erro em chave de racionalidade psíquica.

Atuando estes cinco critérios contemporaneamente¹⁵, temos a mensuração experimental do homem exato, ou seja, do homem capaz de evidenciar o campo semântico em todas as objetivações. A dificuldade-chave para compreender o campo semântico é a necessidade, por parte do pesquisador, de determinar-se constantemente nessa exatidão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho buscou, construir uma reflexão sobre o tema da resistência como fator de impedimento à realização e ao crescimento pessoal e profissional. Autores estudados caracterizam a resistência como oriunda de fatores externos aprendidos e também enfocam no fator interno, ou seja, na própria estrutura da personalidade como geradora de resistência. Percebeu-se a concordância dos autores em considerá-la como força inconsciente que influencia diretamente no comportamento do sujeito, tornando seus comportamentos fixos, rígidos e não condizentes com o desejo ou com uma visão de crescimento e evolução, que sempre requerem um processo de mudança ou de metanoia.

Freud percorreu sobre o inconsciente, uma realidade no homem que age e não se conhece, determina o tipo de comportamento que o sujeito adota, por isso, a necessidade de ingresso a ele e aos mecanismos de defesa que estão sendo utilizados para evitar tal acesso. Com esse conhecimento, segundo Freud, é possível desfazer a ação desses mecanismos, repor o que foi omitido, corrigir os deslocamentos e devolver ao verdadeiro contexto o que foi isolado.

¹⁵ Contemporaneamente: “Eu os dividi e especifiquei racionalmente, mas no ato da natureza coexistem.” (MENEGETTI, 2010, p. 144).

A Ontopsicologia também correlaciona os mecanismos de defesa a fatores que geram as resistências e as dificuldades de tomada de decisão individual, pois distorcem a consciência e geram modelos de comportamento inadequados ao escopo da realização pessoal ou profissional. Os mecanismos de defesa tornam-se negativos ao homem quando fogem ao controle da consciência e são colocados a serviço de um eu fictício, ou seja, de um eu não autenticado, fundado em regras e modelos adquiridos do externo, especialmente do ambiente familiar e social.

A Ontopsicologia, ciência que estuda a atividade psíquica em sua primeira causalidade, com suas descobertas, demonstra poder atuar a retomada de uma consciência global e integral e aponta o caminho para autenticar e desenvolver o homem inteligente, criativo e realizado. Ficou evidente, pelo presente estudo, que para se alcançar o crescimento e a evolução, não basta ter a disposição para a mudança, mas é fundamental saber fazer escolhas adequadas, segundo a própria natureza, segundo o próprio Em Si ôntico. A Ontopsicologia, tendo um critério epistêmico e de natureza (Em Si ôntico), foi além das outras ciências, o que lhe permitiu acessar a atividade psíquica em primeira causalidade e resgatar o processo que pode levar uma pessoa ao seu pleno crescimento e evolução.

O estudo corrobora que, para alcançar o autoconhecimento, o crescimento e a evolução, é necessário um exercício crítico de consciência sobre si mesmo. É necessária a reorganização em evolução progressiva de todos os modelos mentais e comportamentais, o desinvestir-se continuamente do passado e o constituir-se sobre a utilidade e a funcionalidade imediata do sujeito aqui e agora. A partir do momento em que um ser humano é de um modo, existe, cabe-lhe um comportamento, uma atitude condizente ao propósito de sua existência. Não basta ter conhecimento e vontade, mas é imperativa a ação coerente com o que se deseja. Se o homem quiser alcançar o seu protagonismo terá que fazer metanoia, ou seja, fazer uma variação radical no seu comportamento para identifica-lo à intencionalidade do Em Si ôntico, superando, deste modo as resistências e utilizando adequadamente os mecanismos de defesa. Terá que encorajar-se a transcender continuamente os modelos adquiridos no passado e a fundamentar-se sobre a sua funcionalidade imediata. O sujeito deverá refletir sobre si, recuperar a leitura, a compreensão e a experiência do Em Si ôntico, este princípio que dá a exata posição de identidade utilitarista-funcional evolutiva, de crescimento e criatividade.

O estudo evidenciou, igualmente, que a Ontopsicologia possui um método para autenticar e desenvolver o homem criativo. Através da psicoterapia ontopsicológica, a ação de reformar ou corrigir o Eu segundo a constante direção ou critério do Em Si ôntico com a neutralização da ação do monitor de deflexão, é possível desenvolver uma cultura de alta

inteligência e o exercício crítico da consciência. Este processo, se bem praticado, leva ao alcance de resultados positivos nos âmbitos profissional e pessoal.

O aprofundamento do conhecimento da psicanálise e de outras abordagens referidas no presente estudo, sobre a resistência e os mecanismos de defesa, auxilia sobremaneira na compreensão de muitas atitudes com as quais se depara na atividade profissional como consultores de empresa. Pôde-se entender melhor as causas de comportamentos que, num primeiro momento, parecem não demonstrar coerência, mas que, com uma nova ótica de leitura, passam a ser compreensíveis, especialmente por terem sua origem em processos profundamente inconscientes. Daí, também, a importância da metanoia, da psicoterapia ontopsicológica de autenticação, não como atividades destinadas a todas as pessoas ou profissionais, mas àqueles que realmente decidem pelo crescimento e pela realização.

Ficou ressaltada, portanto, a possibilidade de superar as resistências e conhecer os mecanismos de defesa que normalmente utilizamos e que nos impedem de fazer uma leitura fidedigna da realidade e, conseqüentemente, de um processo de mudança e evolução contínua. Sobretudo, evidenciou-se a necessidade do próprio consultor conhecer a si mesmo a fim de ser um instrumento facilitador do crescimento e desenvolvimento do outro.

REFERÊNCIAS

CANAVEZ, F. Entre Freud e Foucault: a resistência como afirmação de si. **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 1, p. 225-244, 2015. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652015000100013&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 12 abr. 2016.

DUARTE, V. M. N. **Pesquisa quantitativa e qualitativa**. Disponível em: <<http://monografias.brasilecola.com/regras-abnt/pesquisa-quantitativa-qualitativa.htm>>. Acesso em: 22 out. 2015.

FREUD, A. **O ego e os mecanismos de defesa**. Porto Alegre: Artmed: Siciliano, 2006.

FREUD, S. **Obras completas – Dr. Sigmund Freud**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Disponível em: <http://lelivros.online/book/obras-completas-dr-sigmund-freud/>. Acesso em: 26 jun. 2016.

FREUD, S. (1916-1917b) **Conferências introdutórias sobre psicanálise. Conferência XXVIII: Terapia analítica. Obras Completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1976. (Edição Standard Brasileira, Vol. XVI.).

Freud, S. (1915a/2004), **Obras Psicológicas de Sigmund Freud, Vol. 1: Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente**. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1915).

HOUAISS, A.; VILLAR, M de S., **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de

Janeiro: Objetiva, 2009.

JACOBSEN, A. L.; RODRIGUES, M. M. B. Abordagens para lidar com a resistência humana frente a processos de mudança organizacional. **Revista de Ciências da Administração**, Florianópolis, p. 39-49, jan. 2002. ISSN 2175-8077. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/adm/article/view/8107>>. Acesso em: 10 mar 2016. doi:<http://dx.doi.org/10.5007/%x>.

MARCONI, M. de. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 6.ed. Porto Alegre: Artmed, 2005.

MARQUES, J. R. **Leader Coach: coaching como filosofia de liderança**. São Paulo: Ser Mais, 2013.

MASLOW, A. H. **Introdução à psicologia do ser**. 2. ed. Rio de Janeiro: Eldorado, 2001.

MEDEIROS, F. **O papel do RH na gestão da mudança organizacional**. 2013. 24f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) – Instituto de Psicologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

MENEGHETTI, A. **Fundamentos de filosofia**. Recanto Maestro: Ontopsicologia Editrice, 2005-1.

MENEGHETTI, A. **Residence Ontopsicológico**. 3. ed. Recanto Maestro: Ontopsicologia Editrice, 2005-2.

MENEGHETTI, A. **Aprendiz Líder**. São Paulo: FOIL, 2009.

MENEGHETTI, A. **Dicionário de Ontopsicologia**. 2. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2012.

MENEGHETTI, A. **Manual de Ontopsicologia**. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2010.

MENEGHETTI, A. **Ontopsicologia clínica**. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2015.

MENEGHETTI, A. **O Em Si do homem**. 5. ed. Recanto Maestro: Ontopsicologia Editrice, 2004.

MENEGHETTI, A. **Projeto Homem**. 3.ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2011.

ROCHA, C. ; NEIVAS, C. A. M., 2012/2013, **Descobrimo a Psicologia** Agrupamento de escolas Antonio Nobre. Disponível em: <http://docslide.com.br/documents/sigmund-freud-psicanalise.html> Acesso em: 10 mar. 2016.

SALÍTOVA, M. V. **Anotações de sala de aula**. Curso de Especialização em Psicologia com abordagem em Ontopsicologia, Faculdade de Psicologia. Universidade Estatal de São Petersburgo - UESP. São Petersburgo, Rússia: mar. 2015.